

PARECER B

Behemoth no reverso: autocracia e Estado em Florestan

Fernandes¹

*Ricardo Braga Brito*²

Completo em: 2022-01-18 08:59

Recomendação: Correções obrigatórias

1. O título é compreensível e conciso e reflete o conteúdo do artigo:

2. O resumo é bem escrito, apresentando introdução, objetivos e conclusões, refletindo o todo do artigo.

3. As palavras-chaves estão adequadas ao artigo.

4. O artigo é escrito com linguagem e gramática adequada.

5. O artigo é bem estruturado e com argumentação coerente, com introdução, desenvolvimento, conclusão.

6. O artigo utiliza formato e bibliografia adequados, com citações e notas concisas e

¹ <https://doi.org/10.21669/tomo.vi41.16565>

² Doutor pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). E-mail: ricardobraga.brito@gmail.com


coerentes.

7. O argumento é original e inovador para as Ciências Sociais e representa contribuição significativa para área:

8. Escreva seu parecer avaliativo conciso sobre o artigo argumentando sobre os pontos negativos e positivos.

O artigo apresenta densidade teórica e uma importante contribuição para o debate sobre o Estado autocrático na obra de Florestan Fernandes. Sugestões pontuais ao artigo e comentários seguem no texto em anexo, que o(a) autor(a) poderá ou não incorporar. Apenas chamo atenção para duas coisas. A primeira delas é que, na primeira parte do artigo, tem-se a impressão que se está debatendo o conjunto da obra de Florestan Fernandes. No entanto, a obra desse pensador apresenta fases distintas entre as décadas de 1940, 50, 60 e 70. Florestan não nasceu pronto e acabado. No artigo a fase trabalhada é a de fins da década de 60 e a partir dos anos 70. Há diferenças significativas entre o Florestan dos anos 50 e dos anos 60 e 70. Parece-me que há uma tendência no artigo a desconsiderar isso. A saída seria enfatizar que se trata de uma fase específica da obra de Florestan, em especial dos anos 70. A segunda é que, numa das passagens do artigo, valendo-se de uma citação de Florestan, tem-se a impressão de que o sociólogo brasileiro incorporou a obra de Marcuse já na década de 1940. Não tenho minha biblioteca comigo neste momento, pois estou em outra cidade, mas tenho quase certeza de que Florestan não citava Marcuse na década de 1940. O vínculo maior de Florestan com o marxismo era com os textos de Marx e Engels, e com os marxistas da Segunda e Terceira Internacionais nos anos 40. Na biblioteca de Florestan, consta um exemplar de Razão e Revolução de 1968, em inglês. De fato, na passagem de "Em busca de uma sociologia crítica e militante", Florestan dá a impressão de que realmente leu Marcuse na década de 40. No entanto, acho que a leitura dos teóricos críticos é mais tardia, na década de 60. Provavelmente Florestan se identificou com o enfoque crítico de Marcuse e incorporou a noção de crítica. Para tirar a dúvida, sugiro a leitura do décimo capítulo de Ensaios de Sociologia Geral e Aplicada, a introdução completa de A Crítica da Economia Política, pois aí podemos ver se Florestan, de fato, citou Marcuse. Mas acredito mesmo que a leitura foi posterior. Em A Natureza Sociológica da Sociologia e Apontamentos sobre a "teoria do autoritarismo", há um diálogo mais crítico com Marcuse. Florestan o considerava o teórico crítico mais radical, mas também fazia algumas restrições. Atentando para esses dois detalhes na revisão, acho que o artigo está pronto para ser publicado. No mais, considero o artigo excelente, do ponto de vista crítico, político e acadêmico. Sugiro rever esses pontos, mas sou a favor de uma publicação sem ressalvas. As demais sugestões do arquivo em anexo podem ser acatadas ou não. Em outros casos, apenas adicionei comentários para dialogar com o(a) autor(a), também sugerindo futuros trabalhos ou artigos.

Seu parecer é:

Pela publicação sem ressalvas (salvo revisão dramática) 

Recomendação

Correções obrigatórias 